

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA

GESSICA MENDES FERREIRA

**EDUCAÇÃO PARA A INSTRUÇÃO: NOTAS SOBRE AS MULHERES NO
PERIÓDICO A PALAVRA (1889 – 1898).**

Delmiro Gouveia - AL

2022

GESSICA MENDES FERREIRA

**EDUCAÇÃO PARA A INSTRUÇÃO: NOTAS SOBRE AS MULHERES NO
PERIÓDICO A PALAVRA (1889 – 1898).**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como parte da avaliação para obtenção do título de licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias Silva

Delmiro Gouveia - AL

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

GESSICA MENDES FERREIRA

**Educação para a instrução: notas sobre as mulheres no periódico A Palavra
(1889 - 1898).**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção de título de Licenciada em História, aprovado em 07/12/2022.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 SHEYLA FARIAS SILVA
Data: 16/12/2022 21:01:52-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Sheyla Farias Silva- UFAL (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 LUANA TIEKO OMENA TAMANO
Data: 10/12/2022 20:03:49-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profa. Dra. Luana Tieko Omena Tamano - UFAL



Profa. Ma. Maria do Socorro Fonseca de Oliveira - UNEB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pelo dom da vida e por ser o farol que ilumina minha caminhada...

A minha família, em especial a minha mãe, Maria de Fátima Mendes, por ser minha grande incentivadora e o meu maior exemplo de garra e determinação. A minha sobrinha Bárbara H. Mendes, por ser minha fonte inesgotável de amor. Aos meus irmãos Jaime, Jane e Jeferson Felipe, que sempre me ligam perguntando quando eu vou entregar o TCC, claramente eles estão mais ansiosos que eu para esse momento. A minha vó, Maria Celeste (*in memoriam*), por tudo que fez por mim em vida, pelos conselhos, pelos momentos de troca, pelas viagens inesquecíveis que fizemos juntas. Enfim, obrigada por ter sido minha, minha vó, minha estrela celeste...

Aos amigos que me ajudaram a chegar até aqui:

A minha parceira de todas as horas, Maiara Lima, a Larissa, Gabriela, Eduarda, Silvânia, em especial, Edilaine dos Santos, talvez ela não saiba, mas os cinco anos de convivência diária que tivemos na escola me mudaram completamente, com ela eu aprendi na prática que o resultado final é muito mais prazeroso quando entendemos o processo...

Aos amigos que fiz na graduação, Lucivânia, Daniel, Cristiane, Lucimario, Raquel e Suzana. Um agradecimento especial, as ‘ridículas’, Aline Lima, Andressa Havanna, Márcia Araújo, Maria Cícera e Vitória Teixeira, por todos os momentos compartilhados, pelas alegrias, pelas risadas, pelas inseguranças, pelos choros de desespero achando que não iria dar tempo, mas sempre dava, pelos melhores sorrisos, pelas viagens e aventuras inesquecíveis (só quem viveu sabe), por serem o melhor grupo/equipe eu poderia ter. Obrigada por terem tornado essa caminhada muito mais leve e divertida... Amo vocês!!

Por fim, agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Sheyla Farias Silva, por todas as contribuições, pela dedicação e paciência, elementos fundamentais para a elaboração deste trabalho. Pelos momentos de aprendizado, pelos puxões de orelha necessários, por ser essa profissional exemplar e por compartilhar o seu conhecimento com seus súditos. Ah, não posso deixar de agradecer pelas melhores visitas técnicas/viagens da história do Campus do Sertão. Saudades inclusive!!

RESUMO

Por muito tempo as vivências femininas foram invisibilizadas pela historiografia tradicional, contudo, as narrativas atuais assumidas pela historiografia, trouxeram as mulheres para o centro da narrativa histórica. Diante disso, o presente artigo pretende fazer uma reflexão acerca dos discursos normativos sobre a mulher e suas relações sociais no século XIX registrados no periódico A palavra que circulou nas cidades alagoanas de Penedo e Pão de Açúcar. Tendo como objetivo geral, identificar qual seria o papel da mulher nessa sociedade na qual está inserida. A metodologia de pesquisa aqui utilizada, foi desenvolvida em um estudo qualitativo de cunho documental e bibliográfico. Analisando o discurso pedagógico do periódico que buscava a normatização das condutas femininas, orientando o comportamento que elas deveriam seguir, podemos compreender como se deu a construção e a propagação desse modelo ideal de perfil feminino amplamente divulgado nas publicações destinadas à mulher no século XIX.

Palavras-Chaves: Mulher, Sociedade, Imprensa feminina, Alagoas.

ABSTRACT

For a long time, women's experiences were made invisible by traditional historiography, however, the current narratives assumed by historiography brought women to the center of the historical narrative. Therefore, the present article intends to reflect on the normative discourses about women and their social relations in the 19th century, recorded in the journal The word that circulated in the Alagoas cities of Penedo and Pão de Açúcar. With the general objective, to identify what would be the role of women in this society in which they are inserted. The research methodology used here was developed in a qualitative study of documentary and bibliographic nature. Analyzing the pedagogical discourse of the periodical that sought to standardize women's behavior, guiding the behavior they should follow, we can understand how the construction and propagation of this ideal model of a female profile widely publicized in publications aimed at women in the 19th century took place.

KEYWORDS: Woman; Society; Women's press; Alagoas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A IMPRENSA FEMININA NO BRASIL	9
3 A PALAVRA: REVISTA LITERÁRIA DEDICADA À INSTRUÇÃO E RECREIO DA MULHER.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

A história das mulheres é um campo de estudo relativamente recente dentro da historiografia, e ter histórias de mulheres como fonte de pesquisa até pouco tempo atrás era algo raro de se encontrar. Uma possível explicação para essa ausência da mulher na historiografia, se dá pelo fato de que por muito tempo a figura feminina era vista como símbolo de submissão pela sociedade e como não exercia nem um papel de destaque, ela foi completamente excluída da historiografia tradicional.

Essa relação que foi imposta historicamente entre a mulher e o espaço privado, tornaram-se foco de pesquisas. Segundo (ARAS, MARINHO, 2012, p. 98), “a imprensa feminina constitui-se num espaço privilegiado para que possamos desvendar esse universo”. Os primeiros periódicos destinados ao belo sexo ajudam a revelar não só o lugar que lhe era reservado naquela sociedade, mas, principalmente, o grau de conscientização das mulheres cultas quanto ao papel que ocupavam na mesma.

É de fundamental importância destacar a criação da escola dos Annales¹ e posteriormente o surgimento da Nova história², que nos possibilitaram um outro olhar para a historiografia e suas narrativas, segundo Burke:

A história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história. Por outro lado (como mostra Jim Sharpe, p. 40), vários novos historiadores estão preocupados com “a história vista de baixo”; em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social. (BURKE, 1992, p. 3).

Dito isso, este trabalho se propõe a apresentar as relações sociais da mulher, entre os anos de 1889 a 1898 nas cidades de Pão de Açúcar e Penedo ambas localizadas no estado de Alagoas, tendo como objetivo geral identificar qual seria o papel da mulher nessa sociedade em que a mesma está inserida.

¹ Fundada em 1929 por Lucien Febvre e a Marc Bloch, a escola dos Annales tem como objetivo, substituir uma visão demasiadamente política e institucional da História, que caracterizava as correntes anteriores, por uma História mais vasta, que incluísse todas as atividades humanas; uma perspectiva da História menos ligada à narrativa dos acontecimentos e mais ligada à análise das estruturas.

² A Nova História é uma nova concepção historiográfica surgida na Escola dos Annales, na França. Essa Nova História rejeita a composição da História unicamente como narrativa e a valorização dos documentos oficiais como única fonte básica de pesquisa. Em contrapartida, considera as motivações e intenções individuais como elementos explicativos para os eventos históricos.

A pesquisa conta ainda com os seguintes objetivos específicos: compreender através da análise do periódico “A palavra”, revista literária dedicada ao recreio e instrução da mulher, como se deu a construção dessas relações sociais e analisar de que forma o periódico idealizava e propagava um tipo ideal de comportamento para as mulheres. A escolha do tema se deu através tanto de uma inquietação pessoal, em saber mais sobre a mulher e suas relações sociais no século XIX, como também, da dificuldade de se achar trabalhos científicos sobre as mulheres no âmbito mais local (como é o caso das cidades em questão).

A pesquisa está organizada em quatro tópicos, no primeiro encontra-se a introdução, o segundo é intitulado de ‘A imprensa feminina no Brasil’, nele buscamos apresentar um breve resumo acerca das principais produções destinadas ao público feminino que circularam no Brasil no século XIX, o terceiro tópico ‘A palavra: revista literária dedicada à instrução e recreio da mulher’, consiste em sim na análise do periódico e o quarto encontram-se as considerações finais.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, a pesquisa foi desenvolvida através de um estudo qualitativo de cunho documental e bibliográfico, a metodologia aqui escolhida consiste na ‘análise documental’³. Como guia metodológico, utilizei o texto ‘História dos, nos e por meio dos Periódicos (2006) de Tania Regina de Luca, que em suma, mostra de forma objetiva os aspectos dos quais o pesquisador deve se atentar na realização de análises com esse tipo de fonte. Como complemento foi utilizado também os textos: ‘O jornal como fonte histórica’, das autoras Gislania Carla P. Kreishi (2005) e Maria do Carmo Pinto Aguiar, que discute e analisa a relevância da utilização da imprensa como fonte de estudo na construção e reconstrução da história. E o texto ‘A utilização da imprensa escrita para a escrita da história: diálogos contemporâneos’⁴, dos autores Fábio Lopes Alves e Ivanor Luiz Guarnieri, que abordam a problemática do uso das fontes pelo historiador (em particularmente os periódicos) e o cuidado necessário para utilização desse tipo de material.

Portanto, tendo em vista os poucos trabalhos acadêmicos nessa área de pesquisa em nossa região, espero que com essa pesquisa possa contribuir com a produção do conhecimento sobre as mulheres e suas vivências, e que a mesma sirva de inspiração e consequentemente como fonte de pesquisa para que os futuros leitores possam desenvolverem seus trabalhos.

³ O documento aqui analisado foi o acervo do periódico ‘A palavra’, encontrado na seção de periódicos disponíveis no site da Biblioteca Nacional.

⁴ Ver em: ALVES, F. L.; GUARNIERI, I. L. A utilização da imprensa escrita para a escrita da História: diálogos contemporâneos. **Rebej** (Brasília), v. 1, p. 30/2-53, 2007.

2 A IMPRENSA FEMININA NO BRASIL

A trajetória das mulheres foi totalmente silenciada e esquecida pela historiografia, pouco se sabia sobre o seu modo de agir, de pensar, sobre a formação da família, as estruturas de apoio domésticas e sobretudo as suas relações sociais. Por muito tempo, esta foi a perspectiva adotada pela historiografia tradicional e pela positivista que privilegiava em suas narrativas os feitos dos ‘grandes’ homens em detrimento aos outros sujeitos históricos.

Essa exclusão das mulheres na historiografia pode ser explicada também pelo tipo de fonte histórica utilizadas pelos positivistas, que só consideravam as fontes administrativas, militares e diplomáticas, tidas por eles como fontes oficiais. De acordo com Cássia Regina da Silva Rodrigues de Souza (2012), para as ciências humanas o universo feminino torna-se objeto de estudo através:

Da emergência da História Cultural introduzida pela Escola dos Annales e a mudança de foco proporcionada por ela ao direcionar suas análises para o estudo das identidades de grupos sociais invisíveis até então na perspectiva de uma história tradicional. A análise da “história vista de baixo”, termo utilizado por Edward Thompson, permitiu a aparição de diversos sujeitos, entre eles, as mulheres. (SOUZA, 2012, p. 1).

As inovações trazidas pela escola dos Annales ao campo histórico, não só ampliou o próprio conceito de história, como acabou também abrindo novas perspectivas de investigação histórica. A partir dos Annales, foram estabelecidos novos métodos para abordar novos objetos e sujeitos. Em outras palavras, foi a ampliação desse olhar, que possibilitou o surgimento de narrativas que contemplassem as vivências femininas e de outros sujeitos históricos, até então omitidas pela historiografia oficial.

Até meados do século XX, a mulher sempre esteve à sombra de seus pais e maridos. Sua função sempre era a de dona-de-casa, esposa e mãe dedicada. Ou seja, desde sempre se criou no imaginário feminino a ideia de que o homem teria como função principal o sustento da casa, e para isso ele teria que sair para rua, diversificando assim seu campo de ação, já a mulher reinaria absoluta do ‘portão da rua para dentro’, seu campo de ação era reduzido ao bem-estar da família. Segundo Louro:

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência. (LOURO, 1997, p. 3).

Ou seja, para Louro, essa invisibilidade atribuída a mulher foi produzida a partir dos vários discursos que afirmavam que o verdadeiro lugar da mulher seria o mundo doméstico, ele ressalta também que foi graças aos estudos feministas que as mulheres (como um personagem histórico), ganharam cada vez mais importância e visibilidade nas narrativas históricas.

A imprensa feminina surgiu por volta do século XVII, e o primeiro periódico destinado ao público feminino que se tem registro no mundo era chamado de "Lady's Mercury" criado na Inglaterra no ano de 1693. Contudo, foi na França que a imprensa feminina ganhou força e se desenvolveu, vindo a servir futuramente como base para o modelo de imprensa feminina feita no Brasil. Por aqui a imprensa chegou tardiamente, somente no século XIX após a chegada da família real portuguesa, a imprensa feminina se estabelece no Brasil.

Com a proibição da Coroa Portuguesa, até o ano de 1808, o Brasil permanecia como sendo um dos únicos países do mundo – exceto alguns países da África – que ainda não produzia palavra impressa (LUSTOSA, 2003). Entre os séculos XIV e XIX, eram proibidas não só a instalação de tipografias na colônia, mas também a entrada e circulação de livros vindos do exterior.

Entretanto, a transferência de D. João VI e de sua corte para o Brasil ocasionou grandes mudanças para a vida da colônia, uma delas foi justamente a instituição da Impressão Régia, que seria a tipografia oficial, a mesma foi instaurada no dia 13 de maio de 1808, e tinha como objetivo a publicação dos despachos e atos governamentais do Príncipe Regente.

Quatro meses após a instituição da Impressão Régia no Brasil, mais precisamente em 10 de setembro de 1808, é publicado o primeiro número da Gazeta do Rio de Janeiro, o primeiro jornal publicado no Brasil. 'O mesmo tinha como redator o Frei Tibúrcio José da Rocha, que posteriormente foi substituído pelo jornalista Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, que permaneceu no cargo até 1821' (LERBACH. 2020).

O periódico era bissemanal, publicado às quartas e sábados, e costumava ter de quatro a oito páginas. E tinha como conteúdo principalmente os fatos relacionados à vida da família real, decretos públicos e informações da Europa, acabando por ser na verdade uma tradução de folhas da Inglaterra e da Gazeta de Lisboa. Contudo, antes da criação da Gazeta, mais

precisamente em 1º de junho de 1808, já circulava, clandestinamente, no território brasileiro outro jornal, intitulado de o Correio Braziliense⁵, o mesmo era produzido em Londres.

De início, é necessário estabelecer o referencial utilizado para diferenciar a imprensa denominada feminina da imprensa feminista. Evelyne Sullerot (1963 apud BUITONI 2009) propõe uma divisão em dois principais planos. O primeiro deles está relacionado aos “deveres” destinados às mulheres, compreendendo as publicações que tratam de assuntos como moda, estilo, comportamento, culinária e demais temas circulares reaproveitados a cada estação do ano. A outra categoria é chamada pela autora de “direitos” e concentra as publicações que abordam a condição feminina.

Vale destacar que no século XIX a grande maioria dessas revistas voltadas para o público feminino se enquadravam no primeiro grupo, compondo assim a imprensa feminina, já a imprensa feminista que tinha como foco principal a reivindicação dos direitos das mulheres, aparece em menor número no século XIX e ganhar força no século XX. Evidentemente a criação desses periódicos na sua grande maioria, surgiu da necessidade da conquista por direitos, o primeiro deles seria o direito à educação, depois o direito à profissão e, por fim, o direito ao voto. Ressaltando que nessas produções femininas do século XIX, a educação era uma educação doméstica, voltada principalmente para o casamento, e para a educação e cuidados dos filhos e da casa.

Não há unanimidade quando falamos sobre qual teria sido o primeiro jornal brasileiro destinado ao público feminino, para Dulcília Buitoni (2009) o primeiro periódico feminino brasileiro teria sido ‘O Espelho Diamantino’, criado no Rio de Janeiro em 1827 pelo francês Pierre Plancher. Já Karine Oliveira (2011) e Constância Duarte (2003) discordam desta classificação por considerarem ser necessário aos jornais femininos não apenas a especificação do público-alvo, mas também a participação efetiva de mulheres na elaboração e produção do jornal. No texto de Buitoni encontra-se apenas a referência ao subtítulo de O Espelho Diamantino: “Periódico de política, literatura, belas-artes, teatro, e modas dedicado às senhoras brasileiras”.

De fato, o Jornal das Senhoras, criado por Juana Paula Manso de Noronha em 1852 e produzido por mulheres, é tido pela maioria dos autores como sendo o primeiro jornal

⁵ O Correio Braziliense (1808-1822), redigido por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça, tinha um perfil diferente da Gazeta. Segundo Nelson Werneck Sodré (1983, p. 20-22), o Correio tinha caráter doutrinário e pretendia formar opinião. A razão de esse periódico ser produzido no exterior se deve tanto à falta de meios de publicação no Brasil quanto à intenção de fugir da censura e das retaliações.

destinado ao público feminino no Brasil, como é o caso por exemplo das autoras Itiana Kroetz e Eunice Gai:

O que parece ser a primeira publicação brasileira direcionada ao público feminino e escrita por mulheres foi uma revista literária: o *Jornal das Senhoras*. Essa revista foi fundada em 1º de janeiro de 1852, pela argentina Joana Paula Manso de Noronha, no Rio de Janeiro. Esse periódico circulava aos domingos e possuía seções, como moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica. Nas suas oito páginas com duas colunas, o público feminino podia encontrar, por exemplo, cartas, versos e traduções de artigos e narrativas ficcionais. De 1º de janeiro de 1854 em diante, o jornal passa a se chamar *Jornal das Senhoras: Jornal da boa companhia*. (KROETZ; GAI, 2015, p. 125)

Além dos jornais acima citados, destacam-se também o *Jornal do Sexo Feminino*, fundado em 1873 por Francisca Senhorinha Motta Diniz em Minas Gerais (esse muito provavelmente foi o primeiro periódico brasileiro a lutar efetivamente na defesa dos direitos das mulheres):

O *Sexo Feminino* contou com três fases de publicação. A primeira delas encerrou-se em 1875, sendo posteriormente editado de 1887 a 1889, desta vez no Rio de Janeiro devido à mudança de Francisca Senhorinha para a Corte. Por inspiração da proclamação da República no Brasil, o jornal altera seu nome, passando a ser *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* a partir de dezembro de 1889 e sendo publicado até 1896. (RODRIGUES; SILVA, 2014, p. 214).

O *Jornal A Família*, criado por Josefina Álvares de Azevedo, em São Paulo no ano de 1888 (*A Família* é vista como uma das publicações mais importantes e enfáticas tanto na defesa no direito das mulheres, quanto na participação mais ampla da mesma na sociedade). De acordo com, Marta de Souza Rodrigues e Artur Alves da Silva:

Em novembro de 1888 teve início a publicação do jornal *A Família*, periódico de circulação semanal, cuja proprietária e redatora era a professora Josephina Alvares de Azevedo. Conforme anunciou estrategicamente o título *A Família*, e o subtítulo das primeiras edições – “Dedicado à educação da mãe de família” –, o jornal era direcionado ao público feminino letrado composto pela elite aristocrática e parte das camadas médias dos centros urbanos. (RODRIGUES; SILVA, 2014, p. 2016).

O *Jornal das Moças* (revista semanal ilustrada) circulou no Rio de Janeiro, às quartas-feiras, entre os anos de 1914 e 1965 aproximadamente. O jornal era publicado semanalmente, e distribuído para todo o Brasil, além das capitais ele era distribuído também para algumas cidades do interior do país. Segundo Nukácia M. Araújo de Almeida:

‘O JM enquadra-se perfeitamente no estereótipo da revista feminina e assim se ocupa de assuntos mundanos, domésticos e frívolos, sugerindo o ethos da mulher moderna de classes mais abastadas: a mulher que se preocupa com o lar, com a vida

em sociedade, mas que não estende suas preocupações além dos cuidados com a casa, os filhos e o marido e com algumas festas religiosas ou pagãs'. (ALMEIDA, 2008, p. 5)

Assim como outras revistas ilustradas da 1ª metade do século XX, O Jornal das Moças, teve como inspiração os grandes magazines ilustrados e até mesmo as revistas de variedades do século XIX, essas últimas, por sua vez, imitavam os modelos europeus, sobretudo os franceses.

Outros exemplos são: O Correio das Modas de 1839, criado no Rio de Janeiro (era um periódico semanal que abordava literatura e crônicas de bailes e teatros). A Marmota de 1849, também do Rio, fazia publicações sobre moda e variedades, além de trazer litografias impressas de figurinos que na época só eram processados em Paris. Em 1831 surgiu também O Espelho das Brasileiras, esse foi criado em Recife.

Outros títulos que também tiveram destaque, foram o 'Álbum das Senhoras' de 1854, o 'Belo Sexo' de 1862 e o 'Eco das Damas' de 1879. É claro que, apesar de ser bastante conservadora, essa imprensa feminina do século XIX, muito colaborou na quebra de preconceitos e possibilitou uma participação mais ativa das mulheres na sociedade brasileira.

O primeiro jornal produzido e impresso de Alagoas foi o 'Iris Alagoense' criado na antiga vila de Maceió, atual capital do estado, ele tinha uma tiragem bissemanal (quartas e sábados) e passou a ser distribuído em 17 de agosto de 1831. O periódico se estabelece como órgão da Sociedade Patriótica de Maceió, declaradamente com linha editorial de 'jornal político, literário e mercantil'. Entretanto, a política foi o carro chefe da sua publicação. O Iris Alagoense suspendeu suas publicações em 18 de fevereiro de 1832, para surgir novamente no dia 22 do mesmo mês e ano, com um novo título: O Federalista Alagoense, que circulou até início de 1836.

Em 1858, surge em Maceió, o Diário das Alagoas, antes de seu aparecimento, o estado não possuía um jornal com publicações diárias, até então toda a imprensa alagoana era periódica. Sendo assim, o dia 01 de março de 1858 é a data inicial da imprensa diária em Alagoas. O jornal tinha como proprietário e redator principal Antônio José da Costa, um homem religioso e muito audacioso, e trazia em suas publicações temas políticos, econômicos, folhetins literários e crônicas. Antes definido como imparcial, o Diário das

Alagoas perde a sua neutralidade tempos depois, ao defender os interesses do Partido Conservador⁶.

Ainda em Alagoas, em 1896 surgiu o periódico semanal O Beija Flor. As suas publicações são voltadas para o público feminino, e tinham um viés mais literário que noticioso. Já o ‘Alvorada’ criado em 15 de agosto de 1910 e ‘A Flor’ de 11 de agosto 1909, surgiram em Penedo e são registrados como os dois primeiros boletins jornalísticos do século XX dedicados à mulher em Alagoas.

Assim como outras províncias do até então Brasil Império, Alagoas na segunda metade do século XIX, vivia o dilema entre os embates sobre a abolição da escravidão ou a sua manutenção. Segundo Santos (2018, p. 152) “A formação de uma imprensa abolicionista somente foi possível graças a um repertório ideológico capaz de convencer a sociedade dos prejuízos da escravidão para combater os contrários à ideia de abolição”. Esses embates, também eram protagonizados nos jornais em Alagoas. Moacir Medeiros de Sant’Ana, ao escrever sobre a história da imprensa em Alagoas, destaca que a imprensa alagoana atuou fortemente na causa abolicionista. “Sant’Ana, aponta para o Jornal das Alagoas de 1870 como sendo provavelmente o primeiro jornal alagoano a fazer campanha abolicionista, cujo 1º número datado de 2 setembro de 1870, em seu artigo de apresentação declara-se abolicionista” (SANTOS, 2018, p. 156).

O jornal Gazeta de Notícias, criado em 12 de maio de 1879 em Maceió, além de denunciar os maus tratos sofridos pelos escravos, também se posicionava por meio de seus artigos a favor da abolição dentro e fora da então província de Alagoas. Seguindo a mesma linha do Jornal Gazeta de Notícias, surge o Jornal Gutenberg (órgão da Associação Typográfica Alagoana de Socorros Mútuos), criado em Maceió no ano de 1881, o jornal também se posicionava contra a escravidão e apoiava a campanha abolicionista.

“O Jornal Gutenberg foi um dos jornais mais ácidos em seus editoriais e ativo na campanha de emancipação dos negros escravizados. Foram várias denúncias de maus tratos condenando o “direito torto que dá a um homem o domínio exclusivo sobre outro homem”, e apoiava constantemente a atuação do movimento abolicionista na capital da província de Alagoas, persuadindo a população alagoana da necessidade de extinguir a escravidão”. (SANTOS, 2018, p. 161).

⁶ Partido político brasileiro que surgiu por volta de 1836, que abarcava os grandes proprietários rurais, ricos comerciantes e os altos funcionários do governo, o partido tinha como bandeira ‘Trono, Constituição, Liberdade e Ordem.

Um outro jornal importante na campanha abolicionista foi o jornal Lincoln, que surgiu exclusivamente para oferecer suporte a campanha abolicionista em Alagoas, atuando como órgão de propaganda abolicionista, tinha publicações periódicas e gratuitas, alcançando tiragem de 1.000 exemplares. Dessa forma, o Jornal Lincoln se colocou como sendo um dos grandes propagadores do abolicionismo em Alagoas entre os anos de 1881 e 1888, anunciando os feitos dos vários clubes e associações abolicionistas da capital e de outras regiões da província.

Em um breve levantamento inicial, identificamos que aproximadamente cerca de trezentos jornais circulavam na província de Alagoas no século XIX, os mesmos estão disponíveis para consulta através do site da Fundação Biblioteca Nacional.

3 A PALAVRA: REVISTA LITERÁRIA DEDICADA À INSTRUÇÃO E RECREIO DA MULHER.

Antes de iniciarmos a análise do periódico, é importante destacar que foi através da expansão da imprensa alagoana, que jornais e revistas surgiram em outras cidades da província, a exemplo de Pão de Açúcar e Penedo. Localizada no sertão alagoano, às margens do Rio São Francisco, a cidade de Pão de Açúcar, se desenvolveu em uma região denominada Foz do São Francisco, tendo como atividade econômica predominante a criação de gado tanto bovino quanto caprino, aliada ao trabalho nos engenhos de açúcar. O cultivo de algodão também ajudou na ampliação da economia, devido à escassez do produto.

Penedo, por sua vez, começou a ser ocupada no início do processo de colonização do Brasil. Ao longo do oitocentos, a cidade consolidou-se como a segunda maior praça comercial da província de Alagoas e principal entreposto comercial da região que ligava o interior do São Francisco às rotas nacionais de cabotagem⁷. A cidade também foi fundamental para a articulação de uma rota de comércio interprovincial de escravos que ligava uma ampla região do Nordeste e levou centenas de cativos para o sudeste do Brasil.

Dito isso, o periódico A palavra, ‘revista literária dedicada à instrução e recreio da mulher’ circulou semanalmente aos sábados, entre os anos de 1889 a 1898 aproximadamente, nas cidades de Pão de Açúcar e Penedo ambas no Estado de Alagoas, sendo que de 1889 a 1891 a revista circulou em Pão de Açúcar- AL, porém com a transferência da tipografia a

⁷ Cabotagem é a navegação realizada entre portos ou pontos de um mesmo país, utilizando para isso a via marítima e as vias navegáveis interiores, ou seja, os rios e mares.

mesma continuou a ser publicada em Penedo-AL, entre os anos de 1892 a 1898. Sob redação de Achilles Mello⁸, a revista pode ser identificada como integrante da imprensa feminina de Alagoas.

Assim como vários outros revistas/jornais voltados ao público feminino do século XIX, o periódico “A palavra” se enquadra perfeitamente no típico caso das revistas femininas da época, direcionada principalmente para as mulheres de classe mais abastadas, a revista abordava assuntos mundanos, relacionados aos afazeres domésticos, o cuidado da casa, dos filhos e do marido, as sugestões de roupas da semana de moda em Paris e acessórios femininos como chapéus e calçados deixa evidente a qual classe social pertenciam as leitoras da revista. O valor de uma edição avulsa da revista custava 200 réis, já a assinatura por mês, custava 500 réis, e eram consideradas assinantes da revista, todas as famílias que não devolvessem em tempo a primeira edição que lhes foi enviada.

A revista “A palavra” seguia os padrões das publicações de sua época, a mesma é organizada por colunas e dessa forma a página é dividida em três partes, na maioria das vezes os textos eram publicados de maneira aleatória o que em alguns casos acaba dificultando a compreensão dos escritos. No que diz respeito aos temas/gêneros, a revista traz beleza, moda, conselhos domésticos, charadas, contos, humor, poemas, religião, educação, regras de conduta, economia doméstica, concertos, receitas caseiras de remédio, dicas para a manutenção das roupas, receitas culinárias, sugestão de leituras, e uma vasta quantidade de anúncios dos mais variados possíveis, como por exemplo, os anúncios de artigos femininos, cosméticos e medicamentos.

O periódico faz sugestões (ainda que em poucas edições) de práticas de leituras femininas consideradas aceitas para a sociedade da época. Na edição de número 33 de 20 de setembro de 1891 que circulou em Pão de Açúcar-AL, por exemplo, segundo um dos textos intitulado de a instrução, a educação e o mau livro, “todos os livros não são próprios de entrar nas mãos de uma jovem... a escolha de uma leitura instrutiva, sã, exemplar, fundada na moral, é indispensável, e por isso, somente os bons livros são dignos da mulher ler”. Ainda sobre as

⁸ De acordo com as pesquisas da historiadora Irinéia Franco dos Santos (2019), Achilles Mello, foi jornalista e proprietário da tipografia O trabalho, major, deputado estadual e fabricante de preparados medicinais. Atuando em Pão de Açúcar e Penedo, produziu os jornais ‘O trabalho’ (Pão de Açúcar 1882 - Penedo 1898) dado como órgão do comércio, lavoura e interesse, se identificava como ‘abolicionista moderno’, não publicando fuga de escravos e escritos contra a liberdade; ‘A palavra’ (Penedo 1889-1897), revista literária e de recreio voltada para o público feminino e ‘A fé cristã’ (Penedo 1902-1907), seminário dedicado aos interesses da religião católica.

práticas de leitura, o outro texto ‘A educação’ publicado 9 de novembro de 1895, traz as instruções de como elas seriam feitas:

A educação: a par da instrução deve andar a educação. Uma abre novos horizontes às nações, a outra contém-nos nos limites do dever e da qualidade.
A instrução literária desenvolve a inteligência de cada indivíduo em particular e aumenta a riqueza pública, a força da nação; a educação moral purifica os costumes dos povos, é um sustentáculo firme da sua liberdade, mantém no mesmo pé a grandeza que lhes trouxe a instrução. (Penedo, 1895, edição nº 39, p. 1)

As meninas só eram ensinadas a ler e escrever quando atingissem os sete anos de idade, e a leitura de alguns romances não seriam recomendados para as mulheres, pois os mesmos atrofiariam os sentimentos bons e corromperiam o coração da mulher, todas essas dicas de leitura sugerem que de fato havia um certo controle das práticas de leituras femininas da época.

Nas entrelinhas, a revista enfatiza quais seriam os papéis da mulher como mães e esposas na sociedade, sempre correlacionando esses papéis a esfera do privado, ou seja, da casa e do lar. Tanto é que a maioria dos textos produzidos pela mesma destacavam os papéis e deveres que toda mulher deveria almejar, portanto, esperava-se que a mulher fosse uma boa mãe, esposa, dona de casa, além de ter também de cuidar da educação dos filhos:

Educadora da família, formadora do caráter das ternas crianças elas serão mais tarde os futuros servidores da pátria, a mulher moderna está cercada de uma auréola fulgentíssima de luz no seio da família, onde é seu trono, onde está sua glória, onde reside sua sabedoria e onde se circunscreve a sua nobilíssima missão, missão está talvez a mais sublime [...] (Pão de Açúcar, 1891, edição nº 35, p. 4).
As sociedades modernas têm a mulher virtuosa duas posições da mais alta distinção; sua posição na família, e sua posição fora da família. No lar doméstico ela é o anjo da consolação e da paz, da ordem e da providência, da economia e do trabalho, em uma palavra — a imagem viva da concórdia, o ideal do amor; fora do lar, o símbolo do respeito e da dedicação, da hora e do recato, sob qualquer das faces de sua tríplice personalidade de filha, esposa ou mãe. (Penedo, 1894, edição nº 31, p. 1).

Esses fragmentos retirados respectivamente da edição de número 35 que circulou em Pão de Açúcar e da edição de número 31 que circulou em Penedo, produzem um discurso comportamental de que todas “mulheres de bem”, mulheres que zelam pelo bem-estar da família deveriam seguir. A mulher deveria ser recatada, compreensiva e caberia a ela a responsabilidade de manter a instituição do casamento duradouro e do lar.

Na edição de comemoração do 8º ano da publicação, publicada em 11 de janeiro de 1896, a linha editorial do periódico destaca qual seria o objetivo da publicação: “poucas são

talvez as pessoas nesta zona, que bem tenham compreendido a nossa missão; educar e instruir a mulher” (A palavra, 1896, p. 1). Um exemplo disso é o texto “A educação das moças” publicado em 26 de janeiro de 1895:

Apenas quando a menina tiver atingido sete anos deve-se ir ensinado a ler e escrever. A leitura deve-se juntar a moral, amor ao trabalho, amor fraternal, amor filial e a importância da economia doméstica.

Todos os dias devem as mães e os pais, como os mestres, ir conduzindo pacientemente ao espírito da menina estes princípios, com a teoria com a prática, afim de forma-se o coração nobre da moça. Uma menina educada com doutrinas morais, com o costume do trabalho até os 16 anos, ficará preparada para o necessário da vida e para o belo

A honestidade da moça, os caracteres distintos não são devidos somente a saber ler e escrever, é preciso que além da instrução tenha boa educação doméstica fundada nas bases da moral. Só por estes dois meios- moralidade e instrução, é que a moça chegará ao império das boas qualidades, impondo-se à consideração da sociedade que aprecia o bom e o belo.

Juntando-se a educação doméstica e moral à instrução superior, teremos moças com energia capaz de repelir e resistir aos galanteios prejudiciais à reputação daquelas moças que querem primar pela moral. As qualidades indispensáveis para as moças se tornaram dignas do apreço de uma sociedade seleta dependem das mães e dos pais’. (Penedo, 1895, edição nº 3, p. 1)

Evidencia-se, portanto, que o principal objetivo da revista A palavra, como visto acima, era promover um perfil feminino ideal a ser seguido pelas mulheres naquela sociedade. E de fato, é possível afirmar que tanto os textos quanto as narrativas presentes nas publicações da revista estão diretamente relacionadas com esse tema. Para ilustrar essa ideia, podemos mencionar por exemplo, o texto ‘O lar feliz’ publicado em 16 de abril de 1898:

O lar feliz: incontestavelmente é no lar que a mulher exerce em toda a plenitude a sua preponderância, da qual, benéfica ou perniciosa, resultará a paz, a concórdia e a felicidade da família, ou as calamidades e misérias que são as consequências inevitáveis das dissensões domésticas.

A mulher que ama ao pacífico remanso da vida íntima e serena, e que ambiciona a paz do coração, tem sempre predileção pelo lar, que se torna o seu constante e grato enlevo. Para ela, a imaginação é mais viva, a sensibilidade é mais delicada e impressionável, não é preciso uma inteligência tão viva, tão elevada, nem tão penetrante para descobrir ou mesmo adivinhar, o segredo de todas as atenções e cuidados que devem dispensar a esses pequeninos nada deliciosos que constituem o principal encanto da vida doméstica. (Penedo, 1898, edição nº 12, p. 1) texto de Amália Franco

Podemos perceber com bastante clareza no trecho acima citado, uma série de instruções destinadas e objetivos a serem alcançados pelas mulheres. Isso pode ser explicado pelo fato dos contribuintes da revista (homens e mulheres que escreviam para a mesma) acreditarem verdadeiramente que o único campo de atuação direta e eficaz da mulher seria o

domiciliar, lugar onde ela reinaria absoluta. Essa propagação de um perfil feminino ideal está tão presente na revista, que até nos textos escritos pelas mulheres pode-se perceber com bastante ênfase, como é o caso por exemplo, dos textos ‘A mulher’ de Emerentina Simões, publicado em 27 de fevereiro de 1897, e ‘Opinião de uma mulher sobre a mulher’, publicado em 18 de janeiro de 1896, no entanto, a autoria deste último não é revelada, o autor do mesmo se identifica apenas como ‘uma mãe’:

Tem-se querido levantar a mulher ao nível dos homens, isto é, que a mulher possa exercer todos os direitos civis e políticos, sem distinção. Ora, minhas boas amigas, isto pode ter cabimento?

A mulher bacharela, a mulher engenheira, a mulher deputada, a mulher magistrada, a mulher eleitora! Não ver que todas essas palavras repugnam até pela eufonia? Na terminação masculina as palavras são muito melhores.

Se as mulheres fugirem do lar doméstico para iram às audiências, ao tribunal do júri, aos comícios eleitorais, e para todos os outros misteres da vida, o lar fica vazio, a criança a choramingar a mesa suja, a louça maltratada, a roupa do marido precisando dos cuidados de quem a zele. Neste entrementes, chega a lavadeira, ou engomadeira, e a mulher que deveria tomar conta de tudo isso, lá anda pelo fórum e por outros lugares!

O homem foi pela natureza fadado para o trabalho exterior, e a mulher para o trabalho doméstico. A tal emancipação da mulher, queridas amigas, é uma bela utopia. A mulher, em geral, há de ser sempre encontrada na sala, ou na cozinha, a cozinhar, a bordar, a ler, a tocar piano, e a prepararem o almoço e o jantar para seu marido, tira-la dali é deslocá-la! (Penedo, 1897, edição nº 2, p. 2)

Opinião de uma mulher sobre a mulher. ‘Procuram mudar a condição da mulher, inspira-nos a ideia da independência e da insurreição, querem fazer de nós políticas, médicas, etc. Se a sociedade não está bem constituída, nossas débeis mãos não podem reconstituí-la: correríamos o risco de ficar esmagadas sob o peso dessa tarefa. A verdadeira mãe não deve nunca separar-se dos filhos, deve tornar-se confidente dos seus menores desejos, egoísta mesmo da afeição deles, para formar a base de sua futura felicidade. Da mulher de educação íntima e instrução faz-se a verdadeira mãe de família: da mulher unicamente ilustrada faz-se a médica, deputada, etc. (Penedo, 1896, edição nº 2, p. 1).

Fica claro (nesse e em outros exemplos) que as principais publicações da revista não eram feitas de forma aleatória, todas elas seguiam à risca a linha editorial proposta pela revista, sempre enaltecendo o perfil de uma mulher bela, recatada e do lar, ‘bela’ porque a beleza era vista como um primeiro atrativo, ‘recatada’ porque mulher teria que ser vista perante a sociedade e do ‘lar’ porque esperava-se que essa mulher dominasse perfeitamente todas as suas atribuições domésticas. O texto ‘folhas soltas’ publicado em 15 de setembro de 1894, traz essas questões:

Nas sociedades modernas tem a mulher virtuosa duas posições da mais alta distinção e dá mais pela perspectiva; sua posição na família, e sua posição fora da família. No lar doméstico ela é o anjo da consolação e da paz, da ordem e da previdência, da economia e do trabalho, em uma palavra, a imagem viva da concórdia, o ideal do amor; fora do lar, o símbolo do respeito e da dedicação, da honra e do recato, sob

qualquer das faces de sua tríplice personalidade, de filha, esposa e mãe’. (Penedo, 1894, edição nº 31, p. 2).

Além de realçarem o que seria o verdadeiro papel da mulher na sociedade, percebesse também, que possíveis falhas em uma determinada área de atuação, seriam vistos como vergonhosos para a mulher, isso fica evidente no texto ‘A mulher e sua missão na sociedade’, publicado em 2 de fevereiro de 1895, onde:

Missão da mulher na sociedade é a mais nobre possível e ela não deve procurar sair do círculo que lhe traçam seus deveres de filha, esposa ou mãe. Não deve, não por que lhe falte talento e aptidões, mas porque em nenhum outro lugar colhera louros mais invejáveis do que a coroa resplandecente, como rainha do lar, coroa tecida pelo amor, respeito e veneração dos seus e da sociedade.

Censurável, sim; condenável até, seria a sua, aliás inofensiva, intervenção dos assuntos de interesse social, se para ocupar-se com eles, a mulher deixasse de pregar os botões que faltassem na camisa do marido e descuidasse dos seus outros deveres domésticos. Desde que isso não aconteça, desde que os deveres particulares ao seu cargo, estado ou posição sejam desempenhados à risca, ninguém, absolutamente ninguém, tem que tomar-lhe contas do seu modo de pensar. (Penedo, 1895, edição nº 11, p. 2).

Evidentemente, essas narrativas traziam instruções sobre a conduta que as mulheres deveriam seguir com o objetivo de exercerem com sucesso seus papéis de mãe, esposa e dona do lar. Para além dos textos instrutivos, a revista traz também publicações voltadas para a educação da mulher, tema esse, presente em praticamente todos jornais e revistas destinados à mulher no século XIX.

Entretanto, é importante ressaltar as diferentes formas de abordagem para a educação feminina, por exemplo, tinham jornais que viam na educação a forma mais eficaz da mulher conseguir sua emancipação, esse é o caso do jornal ‘A família’ criado por Josefhina Alvares de Azevedo em 1888, onde de acordo com Karine da Rocha Oliveira (2011):

O objetivo do jornal seria despertar a consciência das mães para o papel da mulher na vida pública intelectual, profissional e política, ocupando espaços tipicamente masculinos, a exemplo das mulheres francesas e inglesas. Para isso, defendia Josephina, as mulheres deveriam se unir, se instruir, participar ativamente da política, da economia, da medicina e das leis. (OLIVEIRA, 2011, p. 23).

Podemos citar também o ‘Jornal das Senhoras’ criado em 1852, pela argentina Joana Paula Manso de Noronha, que tinha como objetivo principal “propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher” (Jornal das Senhoras, 1852, p. 1). Contudo, o tipo de educação abordada aqui (revista

‘A palavra’) está principalmente ligada à aprendizagem de afazeres domésticos, isso fica claro nos textos intitulados ‘A educação da mulher’ publicados em 1894, 1895 e 1896 respectivamente:

A boa mãe de família, ao mesmo tempo que distribui amor e luzes aos filhos, não descuida do interesse geral da casa: trabalha, ajuda o esposo, economiza sem aviltar se chegar a alcançar o prêmio condigno de suas virtudes, a completa felicidade do lar.

Eis aí a vida do amor, a pureza da moral, a própria divindade. A educação da mulher é, pois, o ornamento da sociedade, o desenvolvimento da pátria, e mais que tudo, a salvação do nosso país. (Penedo, 1894, edição nº 34, p. 2)

Os pais de família quase no geral fazem seus filhos cursarem bons colégios e academias, dizem que o homem necessita de uma posição definida na sociedade, quanto às filhas bastam só saberem um pouco de literatura, trabalhos domésticos e alguma coisa de piano. (Penedo, 1895, edição nº 17, p. 3)

O que é preciso para educar-se convenientemente uma menina? Quereis ter filhas sadias, bem constituídas, robustas, inteligentes e laboriosas? Iniciei-as nos deveres domésticos, nos cuidados inerentes a boa direção de uma casa, nos serviços manuais que não exijam esforço, na arte culinária, o mais precioso dom da mulher. (Penedo, 1896, edição nº 4.p, 1)

Como podemos perceber, o tipo de educação abordada na revista seguia uma linha tradicional e até patriarcal de educação presente na sociedade brasileira, ou seja, aqui na grande maioria das vezes as mulheres eram educadas em casa, ou seja, além de terem uma educação elementar, a mesma era voltada exclusivamente para os aprendizados domésticos e para a administração da casa. No século XIX, somente uma pequena parcela da população brasileira tinha acesso à educação. Em Alagoas a situação da instrução primária pública do Império não era diferente das demais províncias brasileiras. Aqui, as poucas escolas públicas que existiam eram frequentadas pela classe pobre. Os filhos da elite estudavam nos colégios particulares internos.

Em 1869, existiam 104 escolas públicas primárias, sendo 64 para meninos e 40 para meninas. Juntas elas atendiam cerca de 5.234 alunos, dos quais 3.492 eram homens e 1.742 mulheres. A introdução secundária era oferecida através do Liceu, em Maceió, e em 3 cadeiras avulsas em Penedo. Havia duas escolas particulares em 1866, o Colégio Nossa Senhora da Conceição, exclusivo para as meninas e o Colégio São Domingos, exclusivo para os rapazes.

Além de cuidar da casa e do marido, também era atribuído à mulher o papel de cuidar da educação dos filhos, como veremos a seguir nos textos ‘Educadora da família’ e ‘A boa mãe de família’, publicados respectivamente em 4 de outubro de 1891 e 1 de agosto de 1896:

Educadora da família, formadora do caráter das ternas crianças que serão mais tarde os futuros servidores da pátria, a mulher moderna está cercada de uma auréola fulgentíssima de luz no seio da família, onde é seu trono, onde está sua glória, onde reside sua sabedoria e onde se circunscreve a sua nobilíssima missão, missão está talvez a mais sublime'. (Pão de Açúcar, 1891, edição nº 35, p. 4)

A boa mãe de família: o mais importante de todos os deveres de uma boa mãe de família é o da educação de seus filhos. Não é bastante que a mulher seja econômica, cuide de seu esposo, trate de seus filhos, não basta ainda que ela seja ativa e laboriosa; tudo isso é ótimo, mas não é suficiente. É ainda necessário e indispensável que seja solícita a educação de seus filhos. É tão inadmissível e extravagante a opinião daqueles que não querem a mulher instruída, como é absurda e anormal a daqueles que a querem com os mesmos direitos políticos dos homens e igual competência para adquirirem fortuna e poderio. (Penedo, 1896, edição nº 28, p. 1)

Por muito tempo, a figura feminina foi vista e amplamente propaganda como um símbolo de submissão, seja do homem ou da sociedade como um todo, ela era sempre o sexo frágil, fisicamente fraca e dominada por seus sentimentos, ou contrário dos homens, vistos como fortes, dotados de razão e viril. Essa ideia de submissão também é encontrada na revista, principalmente nas publicações da seção intitulada de 'regras de conduta', temos como exemplo, os textos direcionadas às mulheres casadas publicados em 1891 e 1897:

As mulheres casadas: a mulher casada deve ter muito em vista a escolha das suas amigas, ter poucas e desconfiar sempre de seus conselhos, não dar crédito a intrigas para não se tornar odiosa a seu marido e à sociedade. (Pão de Açúcar, 1891, edição nº 35, p. 3) regras de conduta.

Eis diversos conselhos às senhoras que se fossem seguidos fariam não só a felicidade do marido, como assegurariam a paz doméstica. Antecipadamente deve convencer-se de que há dois meios de governar uma família; um pela expressão da vontade, que pertence à força; o outro pelo irresistível poder da doçura, que é muitas vezes superior à força.

O primeiro pertence ao marido, a mulher só deve usar o segundo: a mulher deve evitar sempre contradizer seu marido! Quando se colhe uma rosa, só se espera o prazer dos perfumes, assim da mulher só se deve esperar o agrado! Não deve intrometer-se nos negócios do marido...! Fazer uma boa escolha das suas amigas, ter poucas e desconfiar sempre! Responder sempre ao mau humor de seu marido com afetuosidade! Vestir-se com elegância, mas sempre com decência! Não exigir coisa alguma para obter muito; mostrar-se sempre satisfeita com as dádivas do seu marido...! A mulher deve deixar a seu marido a liberdade de suas ações... (Penedo, 1891, edição nº 30, p. 1).

A mulher: criada por Deus para ser a constante companheira do homem e em tudo a sua igual (vivendo por ele e para ele), compartilhando absolutamente as vicissitudes de sua existência e o seu destino, alegrando-se com as suas felicidades, sorrindo-lhe nos seus prazeres, padecendo e mortificando-se nos seus desgostos e desavenças. (Penedo, 1897, edição nº 19, p. 1).

É evidente que o modelo feminino amplamente divulgado na revista está totalmente entrelaçado com o ideal da mulher mãe-esposa-rainha do lar que a sociedade da época desejava consolidar. De acordo com Bassanezi (1996):

Os periódicos da época correspondiam à demanda do público leitor, considerando seu modo de agir e pensar, ao mesmo tempo em que pretendiam discipliná-lo e enquadrá-lo nas relações de poder existentes, funcionando como um ponto de referência, oferecendo receitas de vida, impingindo regras de comportamento, dizendo o que os leitores deveriam e, principalmente, o que não deveriam fazer (BASSANEZI, 1996, p. 17).

Em suma, o jornal aqui analisado, de fato, transmitia aquilo que os homens queriam que as mulheres soubessem e aprendessem, tanto é que assuntos sociais, políticos e econômicos não eram encontrados nos jornais destinados ao público feminino, bem diferente disso, somente assuntos domésticos que abordassem a vida familiar e privada, que propagavam e reforçavam um modelo de boa conduta para as leitoras estavam ao alcance do público feminino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divisão dos sexos, o lugar da mulher na sociedade e conseqüentemente suas áreas de atuação, se estabeleceram como um dos principais temas de debates presentes na imprensa feminina do século XIX. Para Menegatt (2020), ‘apoiado em um discurso naturalista, o oitocentos explicava a divisão dos sexos baseado na existência de duas “espécies” (a feminina e a masculina), com qualidades e aptidões diferentes, o que acarretava a cada espécie uma função’, ou seja, ao homem cabia o trabalho e a vida pública, à mulher cabia os cuidados do lar, os tecidos e a costura.

Sabendo-se que o presente trabalho consiste em identificar qual seria o papel mulher na sociedade e suas preocupações, partindo da análise documental e das leituras complementares do referencial teórico utilizados na pesquisa, podemos concluir que o ideal de mulher presente nos escritos femininos no século XIX, era o de uma mulher destinada a vida doméstica, a criação dos filhos, aos cuidados do marido e da casa. Especialmente nas famílias com maior poder aquisitivo (público alvo do jornal), a imagem da mulher foi tradicionalmente associada a uma educação moral, que tinha como objetivo principal, manter a pureza do seu corpo e alma, a sua bondade e a ignorância dos vícios e prazeres mundanos.

Uma vez casadas, elas deveriam ser orientadas pelos maridos, portadores dos conhecimentos políticos, dos negócios e da vida pública de maneira geral.

Como visto, a mulher era educada nos princípios da moral religiosa e dos afazeres domésticos, o foco era a preparação da mulher para o casamento, a receber instruções adequadas para torná-las mães educadoras, sem que isso lhes propiciassem uma possível emancipação feminina. Portanto, o periódico ‘A palavra’ se enquadra perfeitamente no grupo de revistas femininas do século XIX que tinham como objetivo principal a instrução da mulher, a ideia aqui era educar as mulheres para exercer com excelência os papéis de mãe e esposa, tidos pela sociedade da época como sendo os mais importantes de suas vidas.

Contudo, é possível afirmar, que através de mensagens moralizadoras que conduziam ao comportamento desejado, essas revistas femininas difundiam padrões de civilidade, regras de convívio social (algumas vezes explicitamente, como no caso dos conselhos, outras vezes subliminarmente como no caso de contos) a serem seguidos pelas mulheres.

REFERÊNCIAS

Fonte primária

A Palavra: revista litteraria dedicada a instrucção e recreio da mulher. Pão de Açúcar, AL: Typ. d'O Trabalho, de Achilles de Mello, 1889-1898. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/palavra/843792>. Acesso em: 6 ago. 2021.

Fontes bibliográficas

ALMEIDA, N. M. A. **Jornal das Moças: leitura, civilidade e educação feminina** (1932-1945). 2008. 261f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação.

ALVES, F. L.; GUARNIERI, I. L. A utilização da imprensa escrita para a escrita da História: diálogos contemporâneos. **Rebej** (Brasília), v. 1, p. 30/2-53, 2007.

BASSANEZI, Carla. **Virando as Páginas**, Revendo as Mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher. 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996

BITTONI, D. H. S. **Mulher de papel:** a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. [S.l: s.n.], 2009.

BURKE, Peter. **A nova história, seu passado e seu futuro**. São Paulo: Unesp, 1992.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 111-53.

DUARTE, C. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, 2003, pp. 151-73.

FBN - Fundação Biblioteca Nacional - Catálogos (Catálogo de Periódicos Microfilmados). Disponível em: http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=bs&pr=mic_pr&db=mic&use=estado&disp=list&s=NEW&arg=alagoas. Acesso em: 28 out 2022.

KROETZ, I. D.; GAI, E.T.P. O 'Jornal das Senhoras' e a busca pela emancipação moral e intelectual da mulher brasileira. **Literatura e Autoritarismo** (UFSM), v. 14, p. 118-131, 2015.

LERBACH, L. . A imprensa régia O tardio nascimento da imprensa no Brasil. **VERBUM - Cadernos de Pós Graduação** , v. 9, p. 310-323, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista - **Petrópolis, RJ, Vozes**, 1997. p. 14-36.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. RJ, Jorge Zahar, 2003.

MARINHO, Simone Ramos; ARAS, L. M. B. . A imprensa feminina: normatização da conduta feminina nos jornais para mulheres (Bahia, 1860-1917). **Historiae: revista de história da Universidade Federal do Rio Grande**, v. 3, p. 96-115, 2012.

MENEGATT, K. A Imprensa Feminina e a Emancipação da Mulher: Uma Análise do Periódico O Sexo Feminino (Rio de Janeiro - 1889). **Revista Epígrafe**, v. 9, p. 56-82, 2020.

OLIVEIRA, K. R. Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família. 1. ed. Rio de Janeiro : **Fundação Biblioteca Nacional**, 2011.

RODRIGUES, M. de S.; SILVA, A. A. da. A emancipação da mulher na imprensa feminista nos primeiros anos da República no Brasil. **Humanidades em diálogo, [S. l.]**, v. 6, p. 209-224, 2014.

SANTOS, R. A. S. . A imprensa abolicionista em Alagoas: o discurso e a propaganda. In: 10 Encontro Nacional de História, 2018, MACEIÓ. "**Memórias e Biografias no Brasil Republicano**", 2018. v. 2. p. 152-163.

SANTOS, G. L.; SILVA, N. O.; SANTOS, M. R. A. Iris Alagoense e Diário das Alagoas: os precursores do jornalismo impresso alagoano. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016, Caruaru. **Intercom Nordeste** 2016.

SOUZA, C.R.S.R. Periódicos feministas do século XIX: Um chamado à resistência feminina. In: XV Encontro Regional de História-ANPUH-Rio, 2012, Rio de Janeiro. **Ofício do Historiador: Ensino e Pesquisa**, 2012.